

Quilombolas de São Tomé de Tauçú

Portel PA

12

PROJETO

Mapeamento Social

como Instrumento
de Gestão Territorial
contra o Desmatamento
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



**NOVA CARTOGRAFIA
SOCIAL DA AMAZÔNIA**





© UEA-Edições – Manaus, 2014

COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Rosa Elisabeth Acevedo Marin

TRABALHO DE CAMPO

Rosa Elisabeth Acevedo Marin
Eliana Teles Rodrigues
Neirevaldo Nascimento de Andrade
Elizângela B. da Silva Vasconcelos

EDIÇÃO E FOTOGRAFIA

Rosa Elisabeth Acevedo Marin
Eliana Teles Rodrigues

GEORREFERENCIAMENTO

Neirevaldo Nascimento de Andrade
Eliana Teles Rodrigues

TRANSCRIÇÃO

Eliana Teles Rodrigues, Thamirys di Paula Matos,
Fabiana Carrão, Everton Teles

ELABORAÇÃO DO MAPA

Thiago Alan Guedes Sabino
Eliana Teles Rodrigues

PARTICIPAÇÃO EVENTUAL NA PESQUISA

Maria Betanha Barbosa
Irislane Pereira de Moraes
Maria de Lourdes Vulcão Portel, outubro 2012

DESIGN GRÁFICO

Casa 8 Projetos e Edições

Participantes na Oficina de Mapa, outubro 2012

Adilson do Nascimento Andrade, Manoel Pinto Dias, Antonio Andrade Dias, Maria Euzébia de Andrade, Maria do Céu Moreira, Rosilene da Silva Pinto, Luciane Andrade dos Santos, Maria Benedita Lourenço Tenório, Erundina Tenório Lourenço, Marlene Pinto Dias, Diego Pinto Gomes, Manoel das Graças de Andrade, Lucival Santos de Andrade, Lene Andrade dos Santos, Maria Dinalva do Nascimento Andrade, Miraci Ferreira da Silva, Nazareno Gomes Progenio, Neirevaldo Nascimento de Andrade, Belinda do Nascimento Andrade, Ivanilda Santos da Cruz, Deival Andrade dos Santos, Micheli Andrade dos Santos, Valdirlena Gomes B., Rosangela Ferreira da Silva, Raimundo Pinto Gomes, Jovenil Dias, Ronaldo Ferreira da Silva, Roberto Carlos Moreira Dias, Adalgiza Moreira.

Raimundo Elinaldo Jesus Ribeiro

COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO SÃO JOSÉ DA POVOAÇÃO, RIO MUTUACÁ, CURRALINHO

Manoel do Socorro N. dos Anjos

COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO CIPOAL, RIO PACAJÁ, PORTEL

Valma Lucilena Pinheiro Teles

COMUNIDADE SÃO MIGUEL, RIO ACUTIPEREIRA

Osvânia Pereira Correa

COMUNIDADE NOSSA SENHORA APARECIDA, RIO ACUTIPEREIRA

O fascículo Quilombolas de São Tomé de Tauçú, Rio Acutipereira teve uma construção em vários eventos: visita preliminar (fevereiro, 2012), Encontros inter-núcleos e regionais. Lideranças do Rio Acutipereira participaram de Encontros em Macapá (abril, 2012), Portel (outubro, 2012), Currallinho (junho, 2013) e, por último, na oficina de mapas realizada na comunidade de Tauçú em 4 e 5 julho 2013. O Rio Acutipereira é apresentado nas falas dos quilombolas de São Tomé de Tauçú e de membros de outras comunidades situadas às margens deste rio que participaram de encontros e oficinas.

São Tomé de Tauçú, comunidade quilombola no Rio Acutipereira

“Eu faço parte da Associação Remanescentes Quilombolas da Comunidade São Tomé de Tauçú – ARQUICOSTT, sou o presidente. Agora semana passada a gente já colocou no cartório, quando eu chegar daqui, se Deus quiser, a gente já tira o Estatuto, tudo legal, e a ata; a Associação já tá com dinheiro. Aí pra mim é uma experiência, assim eles com todos esses anos ainda existe dificuldade, a gente que tá novo nesse processo de trabalho muitas coisas ainda que a gente vai encontrar, mas eu espero que a gente esteja firme, esteja forte pra conseguir junto resolver esses problemas. Lembrando que o Acutipereira no município de Portel, o governador Jatene assinou as cinco glebas lá no Município onde o Acutipereira está incluído. Então, o Acutipereira, de modo geral está nessa organização, mas tem uma comunidade quilombola especifica lá que é Tauçú, mas a gente está junto com eles e trabalhando também no nosso trabalho”. NEIREVALDO NASCIMENTO DE ANDRADE, PRESIDENTE DA ARQUICOSTT

“Mas a gente veio pra cá porque lá onde a gente morava num tinha lugar pra fazer roça, e tudo pra lá era bom: alimentação, o serviço, mas só que comprava farinha, tinha dia que ele ficava o dia inteiro remando atrás de farinha e não encontrava. Aí tinha um irmão do meu pai que morava pra cá, aí falou pra ele vim pra cá que aqui tinha terra pra fazer roça. E a minha mãe não queria vir, veio chorando, ele falou que vinha e ela era esposa dele, aí acompanhou ele, e nós estemo até hoje. Eles faleceram e nós estamos até hoje aqui no terreno.” MARIA DINALVA DO NASCIMENTO ANDRADE

“Os veteranos da comunidade vieram do município de Currallinho, do rio Guajará há 43 anos atrás. Porque o senhor Constantino de Andrade, senhor Genésio de Andrade e Raimundo Bento de Andrade e seus filhos Manoel Bento, Nilo de Andrade e Antonia Maria e seus familiares eram fregueses do senhor Josué Fernandes, que era o dono desta localidade Tauçú. Vieram pra cá trabalhar em roças, porque lá eles trabalhavam em roçados, seringas e frutas de buculhas para vender. E os pais dos senhores Constantino, Genésio e Raimundo Bento, vieram do estado do Ceará que lá trabalharam como escravos. Devido o trabalho pesado, eles fugiram para o rio Guajará no município de Currallinho.” NEIREVALDO NASCIMENTO DE ANDRADE



Maria Euzébia Andrade, Adilson do Nascimento Andrade e as crianças, fevereiro 2012



Neirevaldo Nascimento de Andrade apresenta o croquis da comunidade Quilombola, São Tomé de Tauçú, Rio Acutipereira, Portel (Marajó) PA no encontro realizado em Currallinho, junho

M297 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação : processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais : Quilombolas de São Tomé de Tauçú, Rio Acutipereira, Portel Pará, 12 / coordenação geral do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Elisabeth Acevedo Marin. – Manaus : UEA Edições, 2014.

12 p. : il. color. ; 27 cm.

ISBN 978-85-7883-285-8

1. Conflitos sociais. 2. Quilombolas –Pará. 3. Comunidades tradicionais. 4. Desmatamento. 5. Territorialidade. 6. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elisabeth Acevedo.

CDU 528.9:316.48(811.5)

Perda da fartura com o desmatamento e a pesca das geleiras

“Na época que meu pai me criou aqui nesse rio, eles passaram uma vida boa, vixe! De caça! Nós amanhecia o dia comendo comida fresca e salgava pra nós comer. Olha, o meu avô, como eu estava contando pra senhora, o Juca, ele dizia pra mulher dele: ‘olha minha velha, – ele falava assim grosso – e dizia, ‘coloca a panela aí no fogo que eu vou já buscar uma paca’. Pegava uma lanterna e uma espingarda e ia, antes das onze ele chegava com a paca pra mulher dele cuidar, aí já iam jantar. Naquela época que era farto, mas agora! Algum peixinho que acha na beira. Esse rio foi farto! Quando eu me criei, Deus o livre! Se fosse caçar, era veado, anta, gostava de ver! Matava muito. Nessas cabeceiras, você gostava de ver. Tinha muita anta, mesmo, porco do mato, catitu, mas meu Deus atravessava o rio, aí pras cabeceiras. Era farto, na época que eu me criei. Almoçava e jantava só carne, se criemo, mesmo na fartura, mas pra ver agora! Acabei de criar meus filhos, mas, com necessidade. Mas assim, a gente trabalhando pra dar o murro pra criar.” ERMITA PINTO TRINDADA

“Eu achei diferente na saúde dos meus filhos porque esses meus dois foram criados com carne de caça, já esses outros era com peixe, alguma coisa que a gente comprava, por causa que a comida comprada não é como a do mato, porque a gente mata uma caça, lava e come.” MIRACI DA SILVA



Maria Dinalva do Nascimento Andrade

“Quando meus pais vieram pra cá pra essa localidade, tinha muita caça com fartura, tinha peixe. Ele contava que tinha viagem que os peixes faziam no igarapé. Aí a gente iluminava na praia, bem na beira do igarapé e escolhia o peixe que a gente ia arpar. E agora tá difícil. Às vezes o pessoal vão quando a maré está ruim, não mata nem mesmo pra merenda. E quando a maré tá boa, vai rápido e arruma a merenda, o almoço, a janta. E quando tá ruim, não! E antes tinha tudo com fartura: veado, paca, tatu, cutia. Tudo quanto era qualidade de bicho. O meu pai tinha sete cachorros em casa, que eu já lembro, que achava tudo quanto era tipo de caça: era veado, era paca, era tatu, era jabuti... Então hoje em dia já não tem mais isso. O pessoal achar um jabuti pra aí é muito difícil. Acabou toda a fartura que tinha. Agora tá assim: a gente compra mais no comprado, mas escama, arruma só um pouco.” MARIA DINALVA DO NASCIMENTO ANDRADE

Maria Dinalva do Nascimento Andrade reflete sobre a perda dos recursos da floresta e no Rio Acutipereira: “O desmatamento já causou muitos problemas. Um dos grandes problemas foi o surto de morcegos, que morreram 16 pessoas no Rio Acutipereira. Outro problema são as queimadas na natureza; a extinção dos animais; a fome; doenças, porque através da retirada de madeiras vêm malária pro rio e outras doenças. Também através do desmatamento há o aumento da temperatura. Sem falar da perda que a natureza está perdendo quase todos os seus recursos naturais, as árvores frutíferas como: bacurizeiros, piquizeiros. Já funcionou duas serrarias na comunidade São Tomé. As serrarias aqui na comunidade não deram certo e não trouxe benefício nenhum para a comunidade; trouxe prejuízo. Por isso que se acabou as serrarias.”

“Nós começamos em 2002, 2004. Em 2002 foi quando a gente fundou duas associações, uma é a Associação APERAP (Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Rio Acutipereira) e de lá pra cá teve vários acontecimentos. E em 2004, como acabaram de falar teve o surto do morcego que aconteceu. A maior preocupação da gente pra se organizar foi por causa disso, desse surto de morcego, onde a gente perdeu muitas pessoas, dezesseis pessoas das famílias faleceram, a família

que a gente mais perdeu pessoas foi a minha, lá na comunidade Guajará e na comunidade Aparcida.” NEIREVALDO NASCIMENTO DE ANDRADE

“Aqui teve um tempo em que houve morte de gente. Morreu tantas pessoas, diz que foi o morcego que veio desse negócio de floresta de derruba e furou o pessoal aqui e lá em casa; morreu muita gente.” MANOEL DAS GRAÇAS DE ANDRADE

“Sobre o peixe, não tem bastante aqui, aonde tem bastante peixe aqui, é da parte da baía, da boca pra fora quando não tinha as geleiras. Quando elas chegaram por aí, afetaram muito o rio e foi acabando o peixe. Já com uns seis anos atrás, se não me foge da memória, foi que foi feito. Foi muito duro em cima e eles saíram e agora o cara coloca sua rede. Já os beradeiros aí já pega a comida, quer dizer, o peixe; tornou a voltar para os poços pra reproduzir. Porque esses caras, os cametaenses aí que venham fazer isso, muitas pessoas aqui, principalmente na baía; às vezes a gente vai na cidade e compra o peixe da baía, mas pra nós pegar de lá, nós não vamos, o nosso é aqui, mas tem muita gente aí na baía que eles não pescam para o futuro deles. Tem um cidadão ali que eu conheço na Santa Rosa (a fazenda), ele é um desses, ele trazia a geleira. Porque os cametaenses são tipo assim: quando tem o tempo da piracema que fecha a pesca lá, eles preservam a deles e venham castigar aqui no município de Portel. E muitas pessoas vão lá pra impedir, e tem muitos que vai ficar do lado deles. Mas o certo é nós tirar eles daqui porque se você, no caso, pessoas que tem muito filho pra criar, por exemplo, eu tenho três filhos com minha esposa, mas se eu puder fazer um lugar preservado bem pra eles se manterem, eu vou fazer porque se eu ajudar a tirar! Eu tenho 45 anos, mas os meus filhos estão pequenos, mas quando eles construírem a família deles com a minha ajuda, ou que seja, com a ajuda de todos nós aqui da comunidade fazendo esse tipo de preservação, os nossos filhos, eles vão ter bons alimentos. Talvez até outras coisas boas que venham ser colocadas aqui dentro do Rio Acutipereira.” MANOEL PINTO DIAS

“Antes era muito bom o passadio aqui que tinha muita caça, todo quanto era tipo de caça. Hoje, através dessas empresas que vem esses madeireiros tirar a madeira; daqui já foi tirado uma quantidade de madeira. Desde quando eu era pequena já lembro que umas máquinas muito grande já puxaram uma quantidade de madeira aqui. Hoje, já não tem mais essa quantidade de madeira e nem as caça. Até mesmo o barulho dos carro e da motosserra já afugenta os bicho e eles fogem vão para outro lugar, eles vão embora.” MARIA DINALVA DO NASCIMENTO ANDRADE



Barcaça no carregamento de madeira

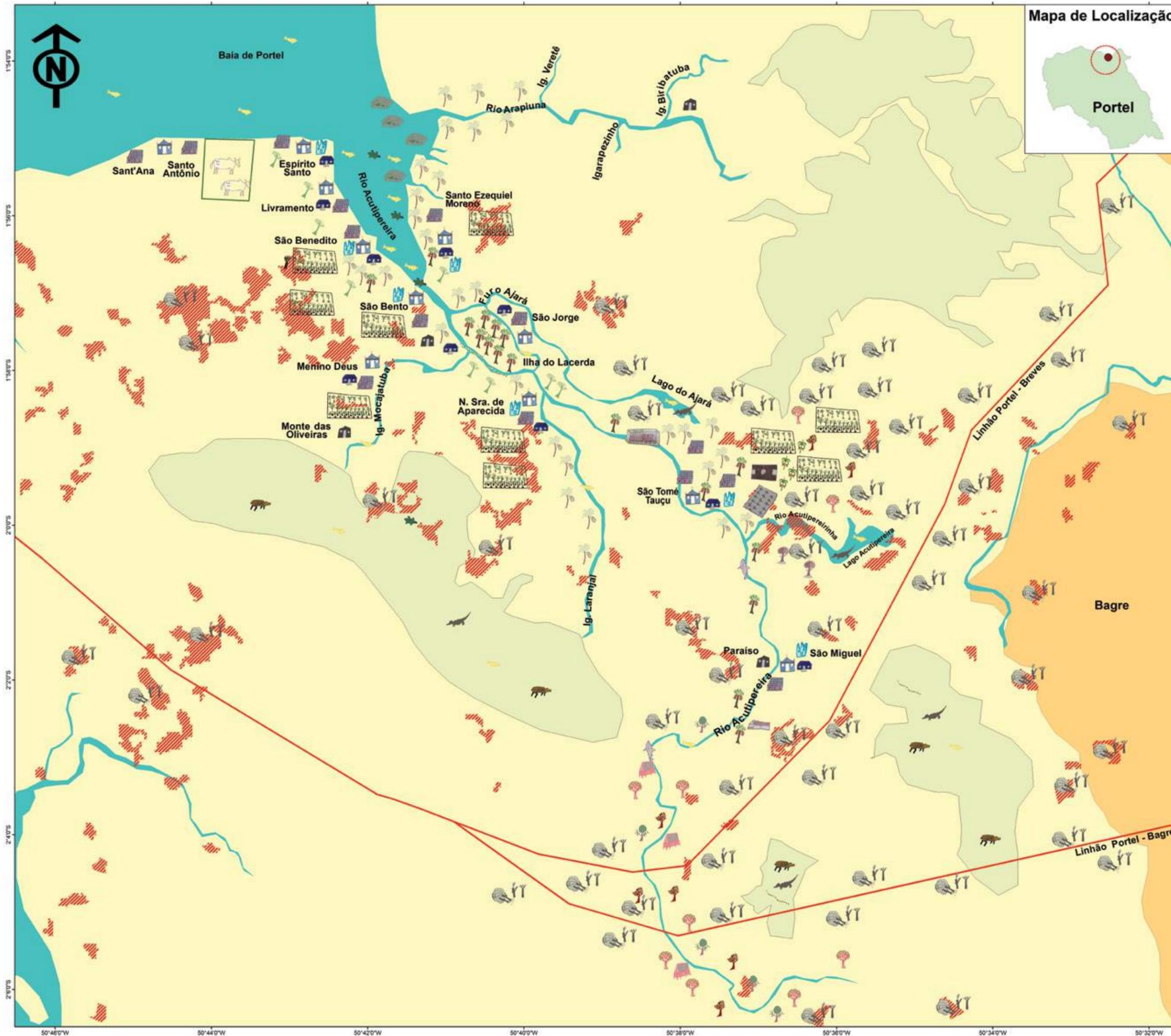


Criança brinca em cima das toras de madeiras no porto de Tauçú, Rio Acutipereira



Preparo de peixes para a alimentação da família no Rio Acutipereira

Quilombolas de São Tomé de Tauçú no Rio Acutipereira, Portel - PA



Legenda / Convenções Cartográficas

- | | | | |
|--|---|--|-------------------------------|
| | Açaizeiro | | Miritizeiro |
| | Merim | | Virola |
| | Madeira Vermelha (árvore de lei) | | Cumaru |
| | Florestas | | Barranco |
| | Área com ocorrência de Tucunará | | Área com ocorrência de peixes |
| | Paca | | Tartaruga |
| | Cobra | | Jacaré |
| | Comunidades | | Casas distantes |
| | Igreja Católica | | Igreja Evangélica |
| | Escola | | Salão comunitário |
| | Campo de futebol | | Cemitério |
| | Maniva | | Bananeira |
| | Fazenda | | Roça |
| | Balsa transportando madeira de lei | | Serraria |
| | Desmatamento | | Linhão de energia elétrica |
| | "Campo de natureza" | | Portel |
| | Áreas de Desmatamento Acumulado (2003-2012) | | Bagre |
| | Hidrografia | | |

0 1 2 4 6 Km
1:33.000

Nova Cartografia Social da Amazônia

Projeto Mapeamento Social como instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação: processo de capacitação de Povos e Comunidades Tradicionais

Sistema de Coordenadas Geográficas: LAT/ LONG
 Carta Topográfica Digital - DSG - DATUM - SIRGAS,2000
 Unidade: Grau
 Fonte: Banco de dados matriciais -INPE -Imagens Cbers 2b CCD IBGE, 2007/ PRODES-INPE, 2012/ Trabalho de Campo,Oficina,Croqui, 2012-2013
 Croqui: Quilombolas de São Tomé de Tauçú e membros de comunidades do Rio Acutipereira.
 Pontos de GPS: Neirevaldo Nascimento de Andrade e Eliana Teles Rodrigues
 Equipe de Pesquisa: Neirevaldo Nascimento de Andrade, Elizângela B. Vasconcelos, Eliana Teles Rodrigues e Rosa Elizabeth Acevedo Marin
 Participação eventual na pesquisa: Maria Betanha Barbosa (UFOPA)
 Responsável Técnico: Thiago Alan Guedes Sabino (PNCSA/UFPA)
 Coordenação Científica: Rosa Elizabeth Acevedo Marin e Eliana Teles Rodrigues

Data: Fevereiro /2014.



Rio Acutipereira representado nos croquis

“Bom dia a todos. Nós vamos falar do que existe no alto Acutipereira e do que têm nele aqui na parte que resta, sobre as madeiras, os igarapés, os campos de natureza, as ilhas. E temos aqui, os peixes, que ainda restam alguns no nosso rio. Temos aqui o açai, a madeira em extinção que é o Angelim, o Cumaru, a Maçaranduba. Ainda resta esses verdes que é o que ainda se acha por aqui. Aqui tem a comunidade de São Miguel, que fica ali na serraria, passando São Miguel vem Tapauá, Capixaba e o Tapunha que é o igarapé que faz fronteira com o campo de natureza, que passa aqui por trás. E temos o linhão que vem de Portel até Breves, e logo acima do linhão tem o Curupatuba que é um igarapé que faz fronteira com o campo que o linhão atravessa, do Bagre, que também faz parte e que atravessa o rio aqui por parte de cima. Isso tudo é campo, daqui do Umarizal até o final do Acutipereira, emenda tudo em campo. É essa área que estamos apresentando aqui. Pra nós aqui, a importância é que nós temos, nós deveríamos ter a anta, o jabuti, o veado, isso a gente pode encontrar no campo.” DEIVID ANDRADE DOS SANTOS



Grupo realiza a exposição do croquis

“Quando eles passaram com o linhão eles acharam veado, caititu, jabuti e onça, uns sessenta quilômetros por onde o linhão passou.” ANTONIO ANDRADE DIAS

“Bom dia. Apresentamos aqui o médio Acutipereira, na nossa equipe está desenhado bem pouco porque nós não tivemos um desenhador. Aí nós estamos apresentando aqui a casa do seu Manoel das Graça até o ultimo morador da nossa comunidade. Passando por aqui temo igarapé Tauçú que faz fronteira com o lago e passando, chega aqui na nossa comunidade que é São Tomé. Aqui a gente temos o campo de natureza bem aqui, as roças, a mata. Também aqui temos o campinho de futebol, bem próximo aqui atrás e, passando temos as roças. Fizemos aqui essas madeiras, é a que ainda existe, só a básica dos nomes que já foram tirado antes; é pouca, mas tem que é a madeira vermelha, mas que se chama madeira pesada que é a Cupiúba, o Angelim, Sucupira. Aqui tem o igarapé Acutipereirinha que faz confronto com o lago onde tem jacaré, peixe. E aqui na terra do seu Marcos nós desenhamos uma madeira Umbaúba que é madeira pesada, também ainda temos. Aqui, uma igreja evangélica que é do seu Manoel, logo aí tem a serraria que nós não soubemos desenhar.” ADILSON DO NASCIMENTO ANDRADE



Equipes elaborando croquis do Baixo Acutipereira

“Bom dia a todos. Quero apresentar os autores do mapa do Baixo Acutipereira: Dinalva, eu, Manoel Pinto Dias, Roberto Carlos, Rosivaldo, Diogo e Belina. Nós começamos nosso trabalho do Laranjal, descendo o Baixão Acutipereira. Começamos aqui pelo Laranjal: Nossa Senhora

que a gente mais perdeu pessoas foi a minha, lá na comunidade Guajará e na comunidade Aparecida.” NEIREVALDO NASCIMENTO DE ANDRADE

“Aqui teve um tempo em que houve morte de gente. Morreu tantas pessoas, diz que foi o morcego que veio desse negócio de floresta de derruba e frourou o pessoal aqui e lá em casa; morreu muita gente.” MANOEL DAS GRAÇAS DE ANDRADE

“Sobre o peixe, não tem bastante aqui, aonde tem bastante peixe aqui, é da parte da baía, da boca pra fora quando não tinha as geleiras. Quando elas chegaram por aí, afetaram muito o rio e foi acabando o peixe. Já com uns seis anos atrás, se não me foge da memória, foi que foi feito. Foi muito duro em cima e eles saíram e agora a cara coloca sua rede. Já os beradeiros aí já pega a comida, quer dizer, o peixe; tornou a voltar para os poços pra reproduzir. Porque esses caras, os cametaenses aí que venham fazer isso, muitas pessoas aqui, principalmente na baía; às vezes a gente vai na cidade e compra o peixe da baía, mas pra nós pegar de lá, nós não vamos, o nosso é aqui, mas tem muita gente aí na baía que eles não pescam para o futuro deles. Tem um cidadão ali que eu conheço na Santa Rosa (a fazenda), ele é um desses, ele trazia a geleira. Porque os cametaenses são tipo assim: quando tem o tempo da piracema que fecha a pesca lá, eles preservam a deles e venham castigar aqui no município de Portel. E muitas pessoas vão lá pra impedir, e tem muitos que vai ficar do lado deles. Mas o certo é nós tirar eles daqui porque se você, no caso, pessoas que tem muito filho pra criar, por exemplo, eu tenho três filhos com minha esposa, mas se eu puder fazer um lugar preservado bem pra eles se manterem, eu vou fazer porque se eu ajudar a tirar! Eu tenho 45 anos, mas os meus filhos estão pequenos, mas quando eles construírem a família deles com a minha ajuda, ou que seja, com a ajuda de todos nós aqui da comunidade fazendo esse tipo de preservação, os nossos filhos, eles vão ter bons alimentos. Talvez até outras coisas boas que venham ser colocadas aqui dentro do Rio Acutipereira.” MANOEL PINTO DIAS

“Antes era muito bom o passadio aqui que tinha muita caça, todo quanto era tipo de caça. Hoje, através dessas empresas que vem esses madeireiros tirar a madeira; daqui já foi tirado uma quantidade de madeira. Desde quando eu era pequena já lembro que umas máquinas muito grande já puxaram uma quantidade de madeira aqui. Hoje, já não tem mais essa quantidade de madeira e nem as caça. Até mesmo o barulho dos carro e da motosserra já afugenta os bicho e eles fogem vão para outro lugar, eles vão embora.” MARIA DINALVA DO NASCIMENTO ANDRADE



Barcaça no carregamento de madeira



Criança brinca em cima das toras de madeiras no porto de Tauçú, Rio Acutipereira



Preparo de peixes para a alimentação da família no Rio Acutipereira



Roda organizada com as crianças para conversar sobre os alimentos existentes em Tauçú

Trabalho na fabricação da farinha de mandioca reúne a família



Reivindicações

- Direitos de nossas terras porque a comunidade sobrevive da agricultura familiar.
- Direito de pesca e garantia desse recurso no Rio Acutipereira e na baía de Portel.
- Água na comunidade é retirada 90% do rio e 10% do poço, que através disso, atrai muitas doenças para as crianças e os adultos também.
- A educação na comunidade está muito ruim. Por esse motivo, as crianças passam muito tempo na escola e não aprendem nada.
- A saúde está do mesmo jeito da educação. Há um posto de saúde no Rio Acutipereira, mas não funciona de maneira adequada. Tem agente de saúde que não trabalha, só faz receber o salário.



Reivindicações

- Direitos de nossas terras porque a comunidade sobrevive da agricultura familiar.
- Direito de pesca e garantia desse recurso no Rio Acutipereira e na baía de Portel
- A água na comunidade é retirada 90% do rio e 10 % do poço, que através disso, atrai muitas doenças para as crianças e os adultos também.
- A educação na comunidade está muito ruim. Por esse motivo, as crianças passam muito tempo na escola e não aprendem nada.
- A saúde está do mesmo jeito da educação. Há um posto de saúde no Rio Acutipereira, mas não funciona de maneira adequada. Tem agente de saúde que não trabalha, só faz receber o salário.



Trabalho na fabricação da farinha de mandioca reúne a família



Roda organizada com as crianças para conversar sobre os alimentos existentes em Tauçú

Rio Acutipereira representado nos croquis

“Bom dia a todos. Nós vamos falar do que existe no alto Acutipereira e do que têm nele aqui na parte que resta, sobre as madeiras, os igarapés, os campos de natureza, as ilhas. E temos aqui, os peixes, que ainda restam alguns no nosso rio. Temos aqui o açaí, a madeira em extinção que é o Angelim, o Cumaru, a Maçaranduba. Ainda resta esses verdes que é o que ainda se acha por aqui. Aqui tem a comunidade de São Miguel, que fica ali na serraria, passando São Miguel vem Tapauá, Capixaba e o Tapunha que é o igarapé que faz fronteira com o campo de natureza, que passa aqui por trás. E temos o linhão que vem de Portel até Breves, e logo acima do linhão tem o Curupatuba que é um igarapé que faz fronteira com o campo que o linhão atravessa, do Bagre, que também faz parte e que atravessa o rio aqui por parte de cima. Isso tudo é campo, daqui do Umarizal até o final do Acutipereira, emenda tudo em campo. É essa área que estamos apresentando aqui. Pra nós aqui, a importância é que nós temos, nós deveríamos ter a anta, o jabuti, o veado, isso a gente pode encontrar no campo.” DEIVID ANDRADE DOS SANTOS

“Quando eles passaram com o linhão eles acharam veado, caititu, jabuti e onça, uns sessenta quilômetros por onde o linhão passou.” ANTONIO ANDRADE DIAS

“Bom dia. Apresentamos aqui o médio Acutipereira, na nossa equipe está desenhado bem pouco porque nós não tivemos um desenhador. Aí nós estamos apresentando aqui a casa do seu Manoel das Graça até o ultimo morador da nossa comunidade. Passando por aqui temo igarapé Tauçú que faz fronteira com o lago e passando, chega aqui na nossa comunidade que é São Tomé. Aqui a gente temos o campo de natureza bem aqui, as roças, a mata. Também aqui temos o campinho de futebol, bem próximo aqui atrás e, passando temos as roças. Fizemos aqui essas madeiras, é a que ainda existe, só a básica dos nomes que já foram tirado antes; é pouca, mas tem que é a madeira vermelha, mas que se chama madeira pesada que é a Cupiúba, o Angelim, Sucupira. Aqui tem o igarapé Acutipereirinha que faz confronto com o lago onde tem jacaré, peixe. E aqui na terra do seu Marcos nós desenhamos uma madeira Umbaúba que é madeira pesada, também ainda temos. Aqui, uma igreja evangélica que é do seu Manoel, logo aí tem a serraria que nós não sabemos desenhar.” ADILSON DO NASCIMENTO ANDRADE

“Bom dia a todos. Quero apresentar os autores do mapa do Baixo Acutipereira: Dinalva, eu, Manoel Pinto Dias, Roberto Carlos, Rosivaldo, Diogo e Belina. Nós começamos nosso trabalho do Laranjal, descendo o Baixão Acutipereira. Começamos aqui pelo Laranjal: Nossa Senhora

Equipes elaborando croquis do Baixo Acutipereira



Grupo realiza a exposição do croquis



Adilson do Nascimento Andrade expõe o croquis do Médio Acutipereira



Manoel Pinto Dias apresenta o croquis

Aparecida, chegamo até aqui e entremo no Furo do Ajará, aqui temos a igreja evangélica, aqui a católica, que é a São Jorge. Saímos daqui e peguemos o Mocajatuba: Menino Deus, aqui o Pantoja, que é evangélica. Saímos do Mocajatuba viemos aqui na beirada: São Bento, Boa Vista. Chegamos aqui na Campinas tem uma igreja evangélica de novo, é localizado logo próximo outra igreja, a São Benedito. Voltemo do outro lado entremos no Santa Cruz, São Ezequiel Moreno. Saímos e peguemos o Irapiúnas. Entremos no Irapiúnas, esse braço aqui era o Veretê, viemo aqui e peguemos essa curva aqui, no Biribatuba, saímo aqui nessa curva e peguemo o igarapezinho, geralmente onde é a fazenda, saímo aqui tem outra igreja evangélica. Saindo do Irapiúnas peguemos Livramento. Aqui, o Cumaru, aqui Santo Antonio e chegemos na fazenda, olha o gado aqui! Saindo da fazenda tem aqui a Santa Ana, Prainha. Logo aqui abaixo tem um igarapé que eu não sei o nome dele, logo próximo a Prainha, mais na frente. Baixamos um pouco e chegamo aqui em Muim-Muim, aqui descendo a beirada que é do Uruará pra lá é a igreja velha de Portel. Essa curva aqui exatamente é onde fica o pessoal da Secretaria da Fazenda e dobramos pra chegar na frente da cidade. Pois é, falando o que nós botemos em prática aqui, que achamos que deva colocar, na ilha do Seu João Lacerda aqui tem bastante miritizeiro, foi o que nós achemos, peixe, as cobras também penetram. Chegemo por aqui, temos peixinhos dentro do Acutipereira. Aqui pegou a baía temos açaí, bastante por aqui também. Olha a maniva aqui dentro da roça! Aqui é o barranco dentro da baía de Portel, essa região aqui, daqui pra cá, essa região é que faz frente para baía de Santa Rosa, e aqui tem a última igreja, os açazeiros. Foi isso que está na legenda. A madeira, geralmente, o que nós achamos que tem bastante, que a gente vê aqui no nosso rio, de vista, é a Virola. Também temos bastante Anani, é outra madeira, mas nós não colocamos aqui.” MANOEL PINTO DIAS



Grupo elabora o croquis do Alto Acutipereira

Abertura do linhão e desmatamento

“O único problema é que a gente enfrentou lá na comunidade de São Miguel é isso aqui, o linhão que passou, que desmatou e eles fizeram um desmatamento. O primeiro desmatamento eles fizeram bem próximo mesmo lá, não deu certo e ficou lá aquela área desmatada, outra área assim que eles desmataram. Eles acabaram com uma reserva de bacuri, que era de que a comunidade no inverno sobrevivia, tirava recurso ali, vendia a fruta e isso foi o único problema que a gente enfrentou e está enfrentando. Porque está com uma semana que eles voltaram querendo desmatar mais 60 metros da nossa área lá e a gente não aceitou mais; e o encarregado do trabalho falou: ou a gente deixa por bem ou por mal porque eles tem licitação com o governo federal, estadual e municipal pra fazer o trabalho. Mas a gente conversou lá e eles resolveram sair e voltar depois pra ver no que vai dar porque a gente não aceita mais, porque já foi muita terra desmatada com esse projeto do linhão.” VALMA LUCILENA PINHEIRO TELES, COMUNIDADE SÃO MIGUEL, RIO ACUTIPEREIRA, PORTEL, OUTUBRO 2012

“Bem, lá no Tauçú a gente não enfrentou esse tipo de problema sobre o linhão porque lá não passou, passou muito longe. Lá no nosso terreno é também de madeireira; no ano passado foi madeireiro trabalhar lá, mas serraram umas madeiras, que eram pra construção de nossas casas, só que infelizmente nós foi lá, no sindicato, lá na SEMA, a gente pediu a licença e eles deram pra gente e nós fomos, coloquemos eles lá, trabalharam cinco meses, aí não deu certo e eles se retiraram. Eles deixaram só a madeira pra fazer lá a minha casa e a igreja e deixaram mais ou menos umas quarenta dúzias de tábuas, os outros moradores ainda não conseguiram ainda nada da madeira. Até porque ele colocou a serraria lá que era pra serrar madeira, que era pra fazer a casa de todos e, infelizmente, ele não tirou essa madeira e deu a tábua pra todos. Já, agora, nesse ano, que nós temos de 2012, entrou um gaiato lá no nosso terreno e cortou o pico lá atrás de nossas roças, no qual o meu irmão Adilson veio aqui no Fórum e registrou a ocorrência e tivemos marcado pro dia 12 desse mês de setembro que a gente já assinou. Aí nós esperamos o cara lá e ele não veio e foi marcado para o dia 25. Dia 25 a gente veio e ele tava, mas foi marcado para as 12 horas da manhã e a gente aguardou e já era meio dia e a moça falou que já estava remarcado para as três da tarde e a gente ficou até 16h0 e ele não conseguiu ir e a moça que é a escritã falou que é pra ele tornar com o documento, é pra entrar em ação com o documento do terreno, que eles vão só marcar o dia, que é pra marcar o pico lá onde é o nosso terreno certo, foi isso que aconteceu na nossa comunidade esse ano.” MARIA DINALVA DO NASCIMENTO ANDRADE, COMUNIDADE DE SÃO TOMÉ DO TAUÇÚ, PORTEL, OUTUBRO, 2012

Lutas pela preservação dos recursos e pela regularização fundiária no Rio Acutipereira

“Quanto às comunidades do Acutipereira, a legalização da terra, a gente já lutou muito por essa regularização fundiária, mas infelizmente ainda não teve a oportunidade de conseguir completar a regularização fundiária. Primeiro, em 2006, a gente começou com o pedido de RESEX, a gente fez o diagnóstico, fez o plano de uso de lá do rio, fez o levantamento, fez tudo isso. Por que as comunidades tinham o maior sonho de ter a sua terra legalizada, mas infelizmente a nossa RESEX, nós não tivemos a oportunidade dela ser aprovada. Quando protocolou em 26 de fevereiro de 2007, a gente lutou pra realmente ver essa RESEX aprovada e o povo ficou quatro anos reservando o seu recurso natural do Rio Acutipereira. Dentro de quatro anos, no Rio Acutipereira não entrava barca, o povo não tirava madeira, mas depois que a gente viu que o povo tava necessitado porque o projeto que a gente tava tanto esperando não teve oportunidade de conceder pra gente. O povo já começou a ficar triste e não cumprir com as ordens, com as leis que a gente mesmo fez dentro do nosso município. Mas não foi por isso que a gente parou na luta, ainda está na luta.

Eu sou a presidente da associação, eles são os sócios. Hoje eu trabalho no sindicato, sou da associação e do sindicato; junto ao sindicato nós lutamos pela legalidade do nosso município, mas, infelizmente, eu digo uma coisa pra você como presidente da associação que os ribeirinhos,



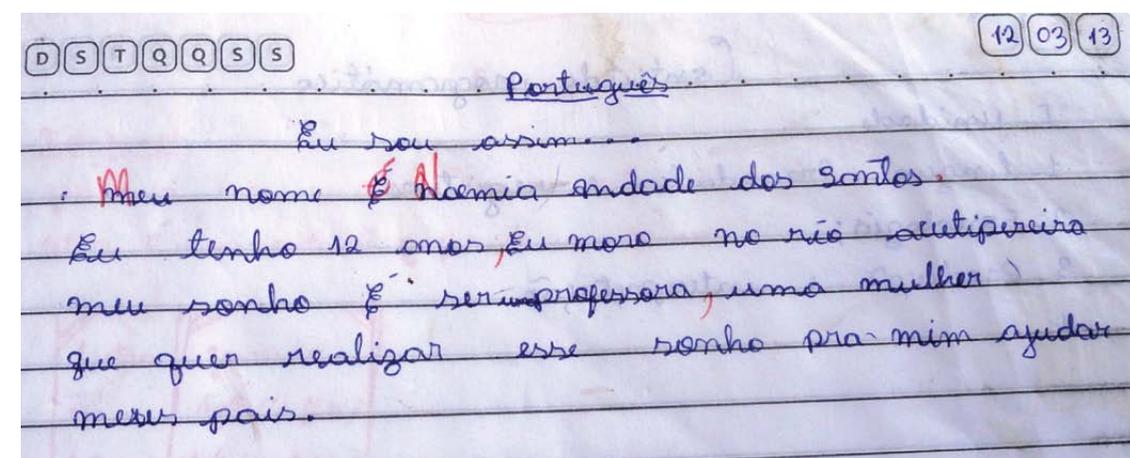
A escola de São Tomé de Tauçú funciona na casa cedida por Maria Dinalva do Nascimento Andrade

as famílias tradicionais, elas tenham direito na terra, mas RESEX elas não tem. Eu mesmo, quando eu tinha oito anos no Rio Acutipereira tudo tinha, tinha madeira com abundância, tinha caça, tinha peixe, tinha tudo, tinha fruta, que ninguém não vendia, não tinha nem pra quem vender as frutas e hoje está uma verdadeira fome porque está só com a produção da farinha. Hoje, a gente está falando

deles, a vantagem é outras coisas: plantar arroz, plantar milho, plantar feijão, outras coisas que ajudem a produção da farinha. E hoje eles falam que não tem problema com os madeireiros.

A gente nunca teve no Acutipereira empresário grande, mas os pequenos madeireiros tiraram madeira, muitos trocavam motor, uma coisa e as pessoas iam ficando pobre, e depois de 2000 pra frente e em 89, quando eu entrei no Acutipereira, quando eu vi a situação penosa, foi que eu fui falando; fui fundando a comunidade aqui do meu lado, fundamos a primeira comunidade, depois fomos desenvolvendo, porque nesse Acutipereira tem onze comunidades católicas e não sei nem quantas evangélicas. E procuramos nos organizar, mas infelizmente a gente mesmo com movimento social não tem apoio, a gente muitas vezes não tem. Então, a gente que convive junto com as comunidades é que sabe a necessidade das comunidades. Viajamos com o vice-prefeito; nós fizemos um trabalho, ele conversou com a comunidade de Tauçú pra fazer uma avaliação se justamente a comunidade Tauçú tinha alguma origem dos quilombolas. Hoje lá no Rio Acutipereira as pessoas muito das vezes passam um dia, dois dias sem comer, porque muitas vezes não tem o que comprar e muitas vezes não tem o dinheiro. Então, os madeireiros atravessadores só deixaram as comunidades mais pobres porque elas não têm nada e as devassada mesmo, porque não tem. Ainda no Acutipereira tem muita riqueza, mas mais da metade da riqueza já foi destruída.

Então, eu digo que o maior problema do Rio Acutipereira e do município de Portel é a abertura à regularização fundiária, é isso que precisamos para que cada um de nós tenha o direito de dizer, isso aqui é meu, esse daqui foi do meu filho, esse também foi do meu filho, porque hoje a gente não diz.” OSVÂNIA PEREIRA CORREA



CONTATO

ASSOCIAÇÃO REMANESCENTES QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE SÃO TOMÉ DE TAUÇÚ – ARQUICOSTT
Comunidade São Tomé de Tauçú, Rio Acutipereira, Portel, Ilha de Marajó PA

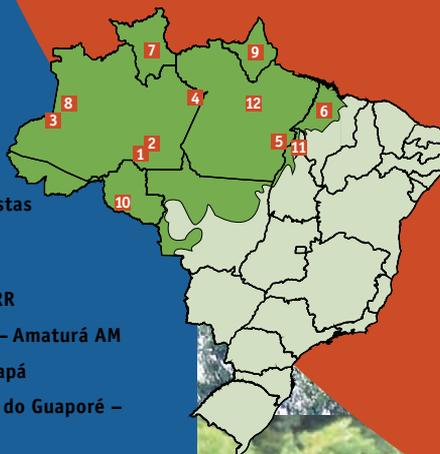


PROJETO

Mapeamento Social

ASSOCIAÇÃO REMANESCENTE
QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE
SÃO TOMÉ DE TAUÇÚ - ARQUICOSTT

- 1 Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM
- 2 Nossa Senhora Auxiliadora – Humaitá AM
- 3 Bom Jardim – Benjamin Constant AM
- 4 Quilombolas do Rio Andirá – Barreirinha AM
- 5 Quebradeiras de coco babaçu e agroextrativistas do sudeste do Pará
- 6 Terra indígena Pindaré – Bom Jardim MA
- 7 Trabalhadores rurais do Cujubim – Caracaraí RR
- 8 Desmatamento e a devastação de castanhais – Amaturá AM
- 9 Remanescente de Quilombolas do Rosa – Amapá
- 10 Quilombolas do Forte Príncipe da Beira, Vale do Guaporé – Costa Marques RO
- 11 Quilombolas da Ilha de São Vicente – Araguatins TO
- 12 Quilombolas de São Tomé de Tauçú, Rio Acutipereira – Portel PA



PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO

REALIZAÇÃO

APOIO

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 9 78 85 7883 285 8



9 788578 832858



ASSOCIAÇÃO REMANESCENTE
QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE
SÃO TOMÉ DE TAUÇÚ – ARQUICOSTT

